

Crianças atrás das grades

Quando uma mulher vai presa, nunca é a única a cumprir «pena». Nas cadeias portuguesas, vivem cerca de 40 crianças, filhas das reclusas. Mas, cá fora, há muitas mais. Ficam institucionalizadas ou com avós, vizinhos, amigos. Ficam esquecidas

POR ISABEL NERY TEXTO E JOSÉ CARLOS CARVALHO FOTOS

Passado o portão verde que marca a fronteira entre a liberdade e a reclusão, avista-se um caminho alcatroado. A aproximação aos edifícios faz-se ao som de gritinhos de criança vindos da creche do Estabelecimento Prisional (EP) de Tires. Estão entregues aos cuidados de educadoras de infância, auxiliadas por cinco reclusas.

Maria de Lurdes, 46 anos, é uma delas. Cumpre aqui os últimos meses de reclusão. Bastava-lhe falar para o castigo se aligeirar. Era uma troca. Mas apenas a oficial. Nos bastidores, usavam-se argumentos mais convincentes. À semelhança da esmagadora maioria das mulheres que se tornaram tão atraentes para os traficantes de droga, Maria de Lurdes tinha um filho.

Portugal tem a terceira maior percentagem de reclusão feminina da Europa, depois do Mónaco e de Espanha. Tudo está previsto para o castigo das mães criminosas. Pouco foi pensado para acompanhar aqueles que não cometeram crime nenhum. Histórias de quem sofre tanto ou mais com a prisão do que as próprias condenadas – os filhos.

CASTIGO SEM CRIME

Maria de Lurdes põe-se agora de cócoras para ouvir melhor as crianças ao seu cuidado. Veste-lhes os bibes de quadrinhos amarelos, antes de distribuir os chapéus-de-sol. Na creche da prisão dos arredores de Lisboa há meninos entre os 6 meses e os 4 anos. Precisam de todos os cuidados que nunca aplicou ao seu próprio filho, «um homem», de 25 anos. Até ao dia em que lhe pôs a vida em risco por causa dos traficantes de droga com quem fazia negócio dentro de casa.

Crista loira, óculos laranja e tatuagens nos dois braços, Vasco gostava de passar em casa da mãe aos fins de semana, única altura em que se encontrava com ela. Viu o tráfico, o consumo, as armas. Viu o que nunca se devia ver aos 16 anos, especialmente uma potencial testemunha.

Durante a fase de inquérito, a madrinha

a quem Vasco tinha sido entregue começa a receber visitas insólitas. Batiam à porta, entravam, mas não diziam nada. Foram quatro anos vividos na guerra-fria entre os delinquentes que conheciam a mãe e os que conheciam o pai, também preso pelo mesmo crime.

O tráfico de droga é a principal causa de reclusão feminina, representando mais de 50% de todos os crimes. A investigação da jurista Cristina Reis Fonseca, autora do livro *Crime e Castigo: As Mulheres na Prisão*, permitiu-lhe mesmo concluir que «se a venda de narcóticos não fosse considerada crime, 80% das reclusas nem sequer existia como tal».

Enquadrada por legislação severa, tem um grande impacto nas famílias das acusadas. «O tempo de permanência na prisão, em Portugal, é dos mais altos do mundo, porque o tráfico tem uma moldura penal forte», afirma a socióloga Anália Torres.

Mais tempo atrás das grades significa mais abandono infantil. Porque uma mulher nunca vai presa sozinha. Mesmo quando os filhos ficam do lado de fora.

Depois de sugar dois maços de tabaco numa hora, Vasco permite-se recordar: «Tentei não pensar por que razão estava longe da minha mãe. Mas percebia que não tinha uma vida normal.» Oscila entre o perdão e a condenação: «Apanhou mais tempo de cadeia para me proteger. Isso é uma prova de amor incondicional.»

Apesar de nunca ter cometido crime nenhum, passou a adolescência a olhar por cima do ombro, sem saber de onde poderiam vir os mafiosos a ameaçar vingança.

Nunca mais deixou de ver os homens pelo canto do olho. Ainda agora, que falamos numa pacata esplanada de Lisboa, confessa como antes de se sentar confirmou quem estava à volta. «Só quando ela foi presa, fiquei descansado. Mas nunca sei se há alguém a querer vingar-se.»

O Departamento de Justiça dos EUA regista 167 mil menores a crescer longe das mães que cometeram crimes. Em Portugal, ninguém sabe. O número de reclusas – cerca de 750 – é o único dado seguro.

O resto são estimativas comuns à maioria dos países desenvolvidos: 80% das presas são mães. Se cada uma tivesse, em média, duas crianças, estaríamos perante mais de mil menores sem os cuidados maternos. Mas o sistema regista apenas os institucionalizados: 21 na cadeia de Tires, 18 em Santa Cruz do Bispo e 4 na Casa da Criança, construída para filhos de presas.

LÁGRIMAS POR QUEM NÃO VEM

Passam poucos minutos das seis da manhã, ainda há estrelas no céu, e já se veem luzes na morada de 14 menores, a poucos metros da penitenciária feminina. Despachado, Ivo tem uma meia calçada e outra por calçar, mas já me está a pedir para lhe apertar os atacadores. Há apenas duas monitoras para lavar, vestir, pentear e pôr elásticos em cabelos revoltos, mas os coloridos beliches em quartos duplos são disciplinadamente abandonados à vez.

Pelas nove, estão todos entregues aos respetivos estabelecimentos de ensino. Para a diretora da Casa, Carla Semedo, é tempo de combinar uma reunião para falar de Ivo. Na noite anterior, chamou nomes, atirou coisas pelo ar, gritou o que os seus pulmões de 6 anos deixaram.

«É o que vive há mais tempo institucionalizado. Fica triste e essa tristeza facilmente passa a raiva.» A psicóloga Renata Coelho sente nestas reações a repetição dos desgostos. «A sucessão de separações e desilusões torna-as crianças zangadas, com baixa tolerância à frustração.»

Ivo vive na Casa da Criança desde os 3 anos, depois de outros três na prisão, com a mãe, a cumprir pena por tráfico de droga. É o mais antigo dos que vieram de Tires.

Não voltou a ver o pai desde que ficou à espera dele para apagar as velas, no dia de anos. Tinha sido preso outra vez. Quando soube da reincidência, e logo no dia do seu aniversário, Ivo ficou paralisado. Só conseguiu deixar cair as lágrimas. Sem palavras nem gritos.

Os inocentes

39 Crianças a viverem nas prisões portuguesas

80% das reclusas são mães

167 mil menores crescem longe das mães nos EUA



OUTRAS INFÂNCIAS Os muros altos guardam delinquentes, mas também abrigam crianças. A maioria sai aos 3 anos, quando começa a ser difícil esconder o significado dos muros

A equipa de Carla Semedo já tomou uma decisão: «O Ivo só sai quando a mãe estiver em liberdade. O pai nunca iria acordá-lo cedo, nem levá-lo à escola, nem o obrigaria a fazer os trabalhos de casa.»

Mas a mãe ainda tem anos para cumprir. E se reincide, tal como o pai? Os filhos serão retirados. Depois de oito ou nove anos em instituições. Por essa altura, serão considerados «velhos» pela maior parte dos casais candidatos à adoção.

MANDEM VIR AS FADAS

Depressa chegam as três horas, altura em que a Casa volta a encher-se. Ivo vai à cozinha, abre o enorme frigorífico, tira três iogurtes, dois pães e dois sumos. «Vou fazer um lanchinho! Para o Carlos e para mim!», anuncia, em jeito de compensação pela angústia seguinte. «Depois, vou chamar a fada dos trabalhos de casa e fazer tudo mais rápido!»

A solução, própria de quem ainda acredita numa salvação, não agrada ao amigo: «As fadas não existem!» Miúdo de fortes convicções e afetos, apesar da repetência nos desenganos, Ivo não se deixa abalar: «Claro que existem! Para ti, vou mandar vir a fada de acreditar em fadas.»

O diferendo divide uma criança maltratada pelos pais e outra que, embora cansada da incompetência dos adultos, pôde viver com a mãe na prisão. Nas entrelinhas, lê-se uma das grandes diferenças entre os menores enviados para a Casa da Criança pela Segurança Social e os filhos de reclusas. Estes últimos continuam a reivindicar o mais fundo e diferenciador privilégio infantil – o direito de acreditar em fadas.

BOCADOS DE TRISTEZA

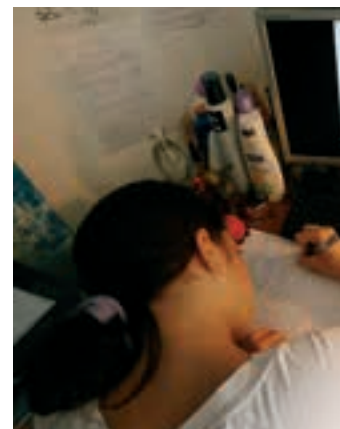
A Justiça encarrega-se dos criminosos, a Segurança Social da descendência em idade de viver na prisão. Dos mais crescidos ninguém se ocupa. Sofia criou-se à sombra dos erros da avó, da mãe, do pai e dos tios. Foi fácil concluir: não quer ser como nenhum deles. Nem deprimida, nem traficante de droga, nem mãe abandonada, nem toxicod dependente. O problema é decidir com quem pode parecer-se.

Senta-se, descontraidamente, na bancada da cozinha a comer uma sandes, enquanto responde às preocupações da avó com os indícios de adolescência aos 13 anos. Já sabe, é preciso usar preservativo. Explicaram na escola.

A dentada no pão só amortece quando o tema é a mãe e a prisão. Deixa a postura



CELAS As crianças ficam fechadas 13 horas por dia. As mais crescidas reclamam e chamam-se umas às outras entre celas



MATERNIDADE ACIMA DE TUDO A falta de dinheiro para os transportes dificulta a manutenção dos laços familiares. Sofia (ao centro) ficou entregue à avó enquanto a mãe cumpre pena por tráfico de droga. Escreve-lhe cartas para matar as saudades. No EP de Tires a presença das crianças ajuda a humanizar a vida na prisão

descontraída. Saltita, levanta-se e senta-se. «A entrada da mãe lá foi o mais difícil. Não me quero lembrar, desse dia. Perceber que não podia ficar... Complicado!»

Talvez falar do assunto exija um comportamento especial. Ninguém ensina na escola. Não vem nos livros, nem motiva debates. Às vezes, apetece-lhe chorar, como fez quando ouviu sobre o crime e o castigo. «Foi um bocado mau e um bocado triste, ao mesmo tempo.»

Pelo consultório da pedopsiquiatra Maria José Vidigal já passaram muitas

crianças tristes. Não são iguais aos adultos. «Quando um adolescente pede ajuda é porque está no limite. Numa família de abandono, a criança coloca-se na posição de que também vai ser abandonada.»

Discípula de João dos Santos, considerado o pai da saúde mental infantil em Portugal, critica a falta de apoios para adolescentes como Sofia. «Deviam ter acompanhamento psicológico em todas as idades, não apenas nas instituições.»

Houve uma altura em que Sofia se quis queixar. Não tinha a quem, queixou-se nas



AMOR DE VIZINHA Fausto dizia que queria ser pequenino para ficar na prisão com a mãe como o irmão mais novo. Ficou à guarda de uma vizinha



notas: 9 negativas, num período. Pediu um psicólogo. A escola não tinha. A avó, sua tutora legal, lamentava-se: «Entregaram-me a neta e ninguém veio perguntar se estamos bem. Não tivemos apoio psicológico. Nada!»

Na Casa das Mães, onde vivem as prisioneiras de Tires com filhos, e na Casa da Criança, o apoio é garantido, mas para lá dos portões prisionais são raros os que conseguem quem os oiça. Sobretudo, se forem filhos mais velhos. Uma categoria aplicada aos maiores de 5 anos. «Uma mãe

presa é sempre um trauma. E quanto mais velha é a criança, mais ajudada deve ser a família.» Por isso, insiste a pedopsiquiatra, «a idade de ouro para atuar é a infância».

No dia em que o corpo de Sofia atestou não ser já de criança, chorou-se no andar lisboeta onde moram avó e neta, como em Tires, onde vive a mãe-reclusa. «Foi triste não ter a minha mãe para lhe contar.» A mesma tristeza, aumentada pela solidão – e pela culpa –, sentiu a mãe. Chorou a filha-senhora contra a parede da cela, durante três dias.

Lembra-se bem dos avisos contra os perigos do amor, porque coincidiram com a primeira autorização para sair de precária, para passar 48 horas em casa, depois de cumprido um quarto da pena. Mal pôs o dedo na campainha e já Sofia se atirava a ela, aos beijos e gritos: «É a mãe! É a mãe!»

Quando entrou na cadeia, a filha só lhe dava pelo ombro. Agora já estavam da mesma altura. No que restou desse dia, tiraram medidas. A mãe chorou, a filha riu-se e chorou. Riram-se e choraram-se. Foram mãe e filha. Como não puderam ser nos últimos três anos.

PRISÃO PREPARATÓRIA

Nenhum livro de psicologia infantil ensina a preparar um filho para a prisão materna. Cada mãe minimiza danos como pode. «Vês aqueles senhores fardados? Vamos passar mesmo à frente deles para te mostrar como a mãe não tem medo!» Era com estes ensaios, junto do Parlamento, que Isabel do Carmo preparava a filha mais velha, Isabel Lindim, na altura com 5 anos, para o que aí vinha.

Na madrugada de 20 de junho de 1978, só o bebé da médica ficara em casa. A filha estava com amigos. Porque a mãe, dirigente das Brigadas Revolucionárias e do Partido Revolucionário do Proletariado (PRP), sabia os riscos que corria.

Como também lera nos compêndios de medicina psiquiátrica os danos de uma separação repentina. «As correntes psicanalistas sul-americanas, com experiência por causa das ditaduras militares, vincavam como ver os pais a serem dominados por poderes superiores aos filhos era traumatizante. Achei que podia minimizar isso naqueles passeios em S. Bento.»

Preso e acusada de autoria moral de assaltos a bancos, as autoridades só não esperavam um problema com 8 meses de vida – Sérgio, o filho mais novo. «A polícia ficou sem saber o que fazer com aquele pacote. Mas eu gritei, barafustei e tiveram de deixá-lo ir comigo.»

Isolamento, transferências de cadeia, greves de fome – onde ia a presa política, só libertada em 1982, ia o bebé. Com tormento para a mãe e felicidade para o filho.

Os paredões do Estabelecimento Prisional de Custóias, no Porto, impediam as crianças de correr atrás da bola, mas Sérgio, hoje arquiteto, com 34 anos, guardou desse tempo o fascínio oferecido pela visão da bola a «subir tão alto e a desaparecer por trás daquele muro enorme».

As grades reduziam o mundo a celas e criminosas, que Sérgio nunca viu como tal. «As ciganas eram carinhosas comigo e as guardas levavam-me para todo o lado. Uma delas ainda hoje tem uma fotografia minha na carteira!»

O farto cabelo louro e os grandes olhos azuis concorriam para a atração por este menino invulgar nos presídios dos anos 70 e 80, povoados de prostitutas e da mais extrema pobreza, como descreveu Isabel do Carmo no livro *Putas de Prisão*, em coautoria com Fernanda Fráguas.

MUROS DE CONTENTAMENTO

Há 34 anos, como hoje, um bebé podia ir com a mãe para a prisão. Então, como agora, os mais crescidos ficavam de fora, a matutar: «Porque é que ele pode ficar e eu não?»

Uma pergunta encavalitada no sentimento de injustiça que marcou Isabel do Carmo.

Até hoje. «Depois da visita, ela chorava, atirava-se ao chão. Não queria ir-se embora. Ser-se forçada a separar de um filho é uma violência.»

A socióloga norte-americana Sandra Enos recolheu depoimentos de mais de vinte mulheres, na prisão de Rhode Island, para o estudo publicado no livro *Mothering from the Inside*. Queria perceber como se gere a maternidade a partir de dentro e concluiu que a quebra dos laços familiares é a pior pena de todas. «Aos homens, o que mais custa é a falta de liberdade, de autonomia, de segurança pessoal e de relações heterossexuais. Para as mulheres, verdadeiramente dolorosa é a separação dos filhos, a perda do papel de mãe e de direitos em relação aos descendentes», disse à VISÃO, lamentando que o sistema americano associe criminalidade com incapacidade materna.

Ainda com a memória de dias bem passados com prisioneiras, que a ensinavam a pintar as unhas, Isabel Lindim, 39 anos, hoje jornalista, defende que o lugar das crianças é junto das mães – mesmo na prisão. «Um psiquiatra que nos viu na prisão das Mónicas disse que se alguém tivesse problemas mais tarde por causa da detenção da mãe seria eu. Por não ter lá ficado.»



CRESCER ENTRE MUROS Ivo criou-se na cadeia de Tires. Hoje vive na Casa da Criança, ao lado da prisão onde está a mãe

Porque, pelo menos nos primeiros tempos de vida, o mundo pode – e deve – ser a mãe, onde quer que ela esteja. Para Sérgio, mais difícil do que viver numa prisão foi deixar de viver nela. «Saí com 5 anos. Lembro-me muito bem desse momento, bastante traumático. Os muros simbolizavam o limite da minha casa, do meu mundo, que era feliz.»

MÃES EMPRESTADAS

«Levanta-te! A tua mãe foi presa! Matou um homem!» Na sua inocência de criança, e na virtude de filho, Fausto retaliou: «Não pode ser! A minha mãe não fazia isso!»

A notícia era bruta e foi dada com toda a brutalidade. Não houve quem lhe embelezasse o mundo, apesar dos seus 11 anos lhe darem esse direito. Ninguém quis ou soube como.

A terra é pequena e a história tinha tragédia suficiente para ganhar asas. O marido da vizinha, desconhecendo ainda que lhe caberia uma fatia deste dia fatídico, corre para casa: «Agora é que a Silvina a arranjou! Matou o velho e fugiu!»

Nesta reta – Fausto aponta para a janela – deu-lhe com o carro. «Não pensou», desculpa o filho, que respondeu com negativas e mau comportamento na escola.

«O meu pai está morto, a minha mãe presa. Que vida desgraçada a minha!» Fausto chorou assim, no ombro da vizinha, a separação da mãe. «O que eu queria era ser pequenino para poder ficar na prisão, como o meu irmão.»

Fausto seria entregue a uma nova família. Mas isso levou tempo, todo aquele tempo que os adultos têm dificuldade de proporcionar à dimensão infantil.

A vizinha de 60 anos, três filhos e mais netos, conhecia a mãe de Fausto como cliente do café. O tribunal acertou ao prever que não teria coragem de dizer não. «Coitado do miúdo!»

Por tomar conta de Fausto, pode gerir-lhe o abono de família de 44 euros mensais. Tudo o resto, sai-lhe do bolso. Paciência. Desde que veio de França, depois de ter passado a fronteira a salto, a sua vida tem sido o café.

O entra e sai de miúdos e gráudos é o que Fausto mais aprecia na sua nova morada. Há outros filhos com quem falar, como se fossem irmãos. Mas se sai dos eixos, lembrem-lhe a condição de filho emprestado: «Mandaram-te para cá e ninguém me dá nada por isso. Se te portares mal, vais daqui para fora!» Fausto é rápido na resposta: «Eu porto-me bem!» Dorme quando o mandam dormir e apaga a luz quando o mandam apagar. Fez por se adaptar, conquistou a nova família.

Ao final do dia, o movimento aumenta no café da mãe emprestada. Pede-se uma «mine» ou um bagoço, jogam-se as cartas, com uma mão no baralho e outra nos tremoços. Um dos netos da dona, de 12 anos, acompanha os clientes nas jogadas.

Todos têm crescido entre os clientes da taberna, uns ocupados com os copos, outros desocupados da vida. Fausto passou a fazer parte deles. Ouvem-lhe as tristezas e aliviam-lhe a solidão. Fazem de mãe. ▣

NB: Os nomes de reclusas e familiares são falsos para sua proteção. Este tema é desenvolvido no livro de reportagem *As Prisioneiras – Mães atrás das Grades*, lançado pela Livros de Seda, hoje, 5, em Lisboa